

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS PIRES DO RIO
CURSO DE HISTÓRIA

**O DIÁRIO DE ANNE FRANK (1942-1944): Estudo comparativo entre Cinema e
Literatura**

LUCIARA CORREIA BARBOSA

Pires do Rio – GO
2016

LUCIARA CORREIA BARBOSA

**O DIÁRIO DE ANNE FRANK (1942-1944): Estudo comparativo entre Cinema e
Literatura**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual de Goiás, Campus Pires do Rio, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em História, sob a orientação da Prof^a. Me. Roberta do Carmo Ribeiro.

**Pires do Rio – GO
2016**

LUCIARA CORREIA BARBOSA

**O DIÁRIO DE ANNE FRANK (1942-1944): Estudo comparativo entre Cinema e
Literatura**

Monografia defendida no Curso de História da Universidade Estadual de Goiás, Campus Pires do Rio, para a obtenção do grau de Licenciada em História, em 29 de Novembro de 2016, e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelas seguintes professoras:

Prof^a. Me. Roberta do Carmo Ribeiro - UEG
Presidente da Banca

Prof^a. Me. Liberalina Teodoro de Rezende
Membro

Prof.Me. Rubislei Sabino da Silva
Membro

Dedico a Deus, a meu esposo, minha filha e a todos os amigos e familiares que souberam compreender minha falta.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Prof^a. Me. Roberta do Carmo Ribeiro, pelo suporte, a paciência e o apoio.

Aos meus familiares, pelo amor e compreensão durante esses quatro anos.

Aos meus colegas de curso que compartilharam comigo suas experiências, foram momentos de grande aprendizagem, levarei cada um em meu coração.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.



“Apesar de tudo, eu ainda creio na bondade humana”.

O Diário de Anne Frank

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. O Diário de Anne Frank.....	10
Figura 2: Família Frank.....	11
Figura 3. Filme “O Diário de Anne Frank”.....	22
Figura 4. Livro “O Diário de Anne Frank”.....	28
Figura 5: Filme “O Diário de Anne Frank”.....	28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1-CAPÍTULO I - TESTEMUNHA OCULAR DO NAZISMO	10
1.1 A família Frank e a ocupação alemã da Holanda	12
1.2. Escrita e divulgação do Diário de Anne Frank	19
2-CAPÍTULO II – O DIÁRIO NO CINEMA	22
2.1 O filme: <i>O Diário de Anne Frank</i> (1959)	23
2.2 Algumas comparações entre o livro e o filme <i>O Diário de Anne Frank</i>	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
LISTA DE FONTE	35
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

A escolha do tema “O diário de Anne Frank”, se deu a partir do desejo de fazer uma análise comparativa entre dois tipos de linguagem: o livro *O diário de Anne Frank* publicado por Otto H. Frank, pela primeira vez em 1947 e o filme, com o mesmo nome dirigido por George Stevens e lançado em 1959. Lembrando que estas serão as fontes utilizadas para a pesquisa, que terá como problemática: As referidas obras compartilham de características estruturais e artísticas comuns? Assim, este trabalho objetiva compreender como autor e diretor tratam e apresentam a personagem Anne Frank e o período conturbado da Segunda Guerra. Especificamente, entender se o produtor do filme preocupou-se em produzir o filme de forma a atingir o público ou se foi produzido conforme os relatos do livro *O Diário de Anne Frank* sem grandes modificações.

Quando um livro é adaptado para o cinema é impossível não fazer comparação entre as duas obras. Uma única história poderá proporcionar diferentes interpretações em função do meio em que será veiculada. No cinema o intuito é abranger de maneira mais resumida a história e fazem uso de uma linguagem mais popular.

O livro e filme relatam a história de uma família judaica, que durante a perseguição aos judeus ficaram escondidos dois anos, ou seja, de 1942 a 1944 em um anexo secreto¹. Através desta pesquisa visará compreender as diferentes formas de linguagem entre a obra literária e a fílmica.

Na obra literária, *O diário de Anne Frank* (1947) os acontecimentos são relatados de acordo com a escrita da adolescente com linguagem simples e sentimental. Já o filme (1959) de início tem uma diferença, pois o produtor muda um pouco a história resumindo o contexto da ida da família de Anne Frank para o esconderijo, e dando ênfase a outros acontecimentos que não foram tão destacados no livro.

Visando compreender a linguagem do livro e a do filme, constata-se que a linguagem simples pode ter ocorrido em virtude da realidade que a adolescente estava vivendo, no final da Segunda Guerra Mundial (1942-1945)² impresso em 1947 e o filme 12 anos depois da obra literária ser impressa.

¹ O refúgio da alemã Anne Frank e sua família que ficava nos fundos do prédio da empresa de Otto Frank, em Amsterdã, na Holanda. O edifício tinha dois andares, com escritórios, moinho e depósito de grãos. Na parte de trás estava o “anexo secreto”.

² A Segunda Guerra Mundial compreende o período entre os anos de 1939 e 1945 no qual ocorreu o conflito armado de maior escala da história da humanidade até os dias de hoje. O combate envolveu as maiores potências

Não se pretende aqui superestimar a literatura e subestimar o cinema, pois, de acordo com Araújo (2011, p.11) trata-se de linguagens diferentes, mas “ressaltar o poder que a literatura tem de desenvolver a criatividade e a imaginação do leitor, se assim não o fosse, a literatura não teria sido, desde sempre a principal fonte de inspiração para os produtores fílmicos”.

Para recriar a obra *O Diário de Anne Frank* em filme o autor e diretor George Stevens, se atentou pela época em que a obra foi escrita, analisando cada detalhe da escrita vivenciando as emoções da autora da obra, adaptando cada linha escrita ao presente, sem se afastar da ideologia da obra escrita.

As lembranças de uma menina, escritas em um diário que passaram a ser um documento histórico relatando as várias perseguições sofridas pelos judeus até o momento de execução. Lembranças essas que se transformaram em filme, e que utilizaram atores que demonstraram em cenas o sofrimento da adolescente e de sua família.

Em uma obra literária, não é raro que o cineasta tenha que fazer algumas mudanças, até como forma de expressão como aconteceu em *O diário de Anne Frank*, mas mesmo assim o diretor George Stevens conseguiu manter o espírito da obra literária, há sempre uma parte dos expectadores que leram a obra passe por certa decepção ao ver o filme, pois literatura é a sucessão de fatos e subjetivação da realidade; o cinema é espacial e temporal, representação e objetivação da realidade. Filme e livro são obras de arte diferentes, o cinema é uma arte que se aproxima da literatura através da narratividade.

Ao mesmo tempo em que aproximam o leitor ou espectador da vida criada pela arte, cinema e literatura não a narram explicitamente, mas apenas a sugerem, deixando ao espectador e ao leitor o prazer da descoberta e da construção.

A metodologia utilizada constitui de pesquisa bibliográfica por meio da leitura do livro *O Diário de Anne Frank* da tradução de Alves Calado (2014) e após assistir o filme *O Diário de Anne Frank* de George Stevens (1959).

Este trabalho monográfico é composto por dois capítulos: no primeiro aborda-se a família Frank e a ocupação alemã da Holanda e a escrita e divulgação do Diário de Anne Frank. O segundo capítulo pretende abordar *O Diário* no cinema analisando o filme *O Diário de Anne Frank* (1959) e as comparações entre livro e filme.

da época que empenharam toda sua economia e política no mesmo, e foi o único a usar armas nucleares dizimando cerca de 70 milhões de pessoas dentre soldados e civis, sendo o conflito mais sangrento da história.

CAPÍTULO I – TESTEMUNHA OCULAR DO NAZISMO

Este capítulo tem como objetivo apresentar a família Frank, suas dificuldades e das famílias judaicas durante a Segunda Guerra Mundial, destacando as tentativas da família Frank em se livrar das perseguições que sofriam durante essa guerra.

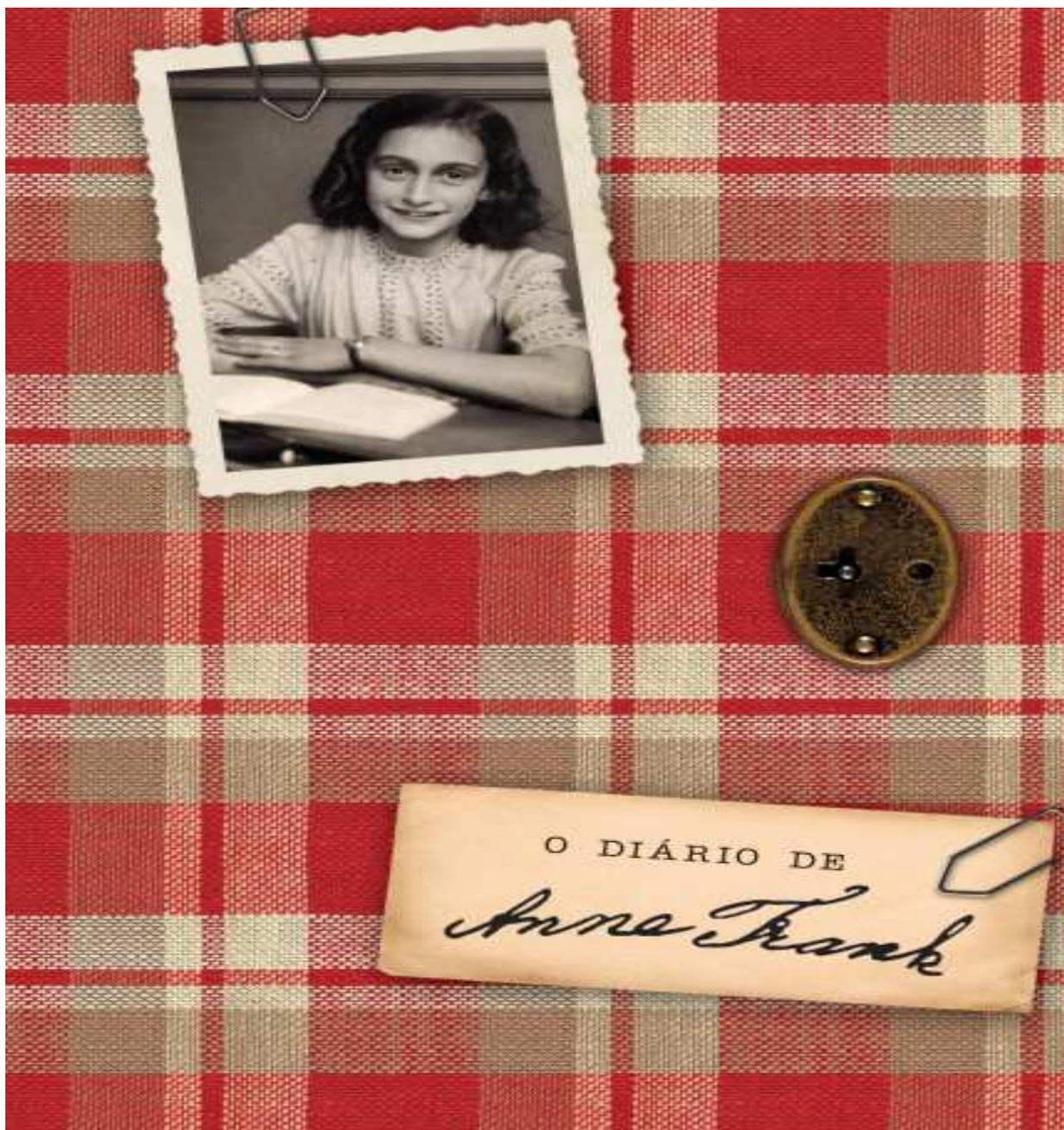


Figura 1. O Diário de Anne Frank

Fonte: FRANK, Anne (2014)



Figura 2: Família Frank

Fonte: FRANK, Anne (2014)

1.1 A família Frank e a ocupação alemã da Holanda

Otto Frank vivia com a família em Frankfurt am Main, sua esposa Edith Frank e suas filhas Margot e Anne. A família Frank foi família judio - alemã, moravam na cidade de Frankfurt em Main há várias gerações. A família de Edith é originária de Aachen, perto da fronteira com a Holanda.

Com a derrota da Alemanha na Primeira Guerra a situação dos judeus começa a se complicar. Hitler não aceita dizendo que teria sido uma traição interna a derrota. Os judeus foram considerados culpados, apesar de mais de 100 mil judeus alemães e austríacos terem lutado pela Alemanha na guerra, e dos quais 12.000 foram mortos. Devido a crise econômica, o partido nazista de Hitler se fortalece cada vez mais. Em 1933 Hitler se torna líder do governo alemão.

Por serem judeus e temer o que aconteceria com eles após Hitler assumir o poder e também a crise econômica estava gerando grandes problemas, Otto Frank emigrou para a Holanda em 1933, se inscreveu no Registro Comercial e no dia 15 de setembro arranhou um espaço no centro de Amsterdã. Ele abriu uma empresa, a Companhia Opekta Holandesa, que produziu artigos usados no fabrico de compotas.

Enquanto Otto estava ocupado montando a sua empresa, Edith, Margot e Anne ficaram na Alemanha com a avó. Durante o outono, Edith viajou entre a Alemanha e Amsterdã, procurando uma casa para a família. Em novembro, encontrou um novo lar localizado em Merwedeplein no eixo Rivierenbuurt em Amsterdã. Diversos países notavam que os casos de judeus pedindo asilo aumentavam cada vez mais e começaram a dificultar a entrada nos países a que recorriam.

Por mais terrível que fosse a situação da população alemã, bombardeada de forma ininterrupta no oeste e vivendo sobre o medo da invasão soviética no leste, o destino do principal alvo ideológico do nazismo, o povo judeu, era infinitamente pior. (KERSHAW, 2011, p.157).

Ian relata que durante o período da segunda guerra não só a população judaica sofria com as investidas de Hitler, a população alemã, também devido ao medo da invasão soviética, mas não se compara com o sofrimento que os judeus estavam passando. Todos estavam

vivendo na insegurança, sem saber ao certo o que estava acontecendo. As notícias chegavam somente para os altos comandos do exército.

Durante seis anos, a família Frank tinha uma vida normal, como qualquer outra família, apesar da ansiedade, porque seus parentes na Alemanha estavam sofrendo com as leis de Hitler contra os judeus. Otto trabalhava arduamente em sua empresa e os negócios da empresa iam bem, tinha amigos, e considerada uma pessoa de temperamento moderado e ajudava na empresa. Suas filhas Margot e Anne foram matriculadas em uma escola, e logo começaram a falar bem o holandês, fizeram amizades com outras crianças judias que também foram morar no mesmo bairro. As irmãs tinham personalidades bem distintas: Margot era bem-educada, reservada e estudiosa, Anne era franca, enérgica e extrovertida. Edith Frank era mais voltada para o lar e os cuidados com a família, já Otto Frank era interessado em atividades acadêmicas e tinha uma extensa biblioteca, incentivava as crianças a ler desde pequenas. Margot mostrava aptidão para aritmética enquanto Anne se interessava por leitura e escrita. Anne sonhava em ser jornalista, também gostava de assistir filmes, mas os judeus foram proibidos de ter acesso às salas de cinema.

Em maio de 1940, a Alemanha invadiu os Países Baixos e o governo de ocupação começou a perseguir os judeus através da aplicação de leis restritivas e discriminatórias. A partir de 15 de setembro de 1941, a população judaica com mais de seis anos, passa a ser identificada com a obrigatoriedade de usar a estrela de Davi amarela com a palavra judeu escrita no meio. Quem não usasse tinha como pena a execução, também se torna obrigatório acrescentar ao nome próprio os nomes Sarah (para as mulheres) e Israel (para os homens). As crianças judias podiam se matricular apenas em escolas judaicas, por isso Anne e Margot tiveram que sair da escola em que estavam e se matricularam no Liceu Judaico.

Para evitar que sua empresa fosse confiscada por ser uma empresa judaica, Otto transferiu suas ações para funcionários que o ajudariam a continuar com os negócios.

Depois de maio de 1940, os bons momentos foram poucos e muito espaçados primeiro veio a guerra, depois, a capitulação, em seguida a chegada dos alemães, e foi então que começaram os sofrimentos dos judeus (O DIÁRIO DE ANNE FRANK, 2014, P. 27).

Em julho de 1942, o carteiro traz uma carta do escritório central de emigração, era um aviso prévio, ordenando que Margot fosse para um dos campos de concentração. Esta

convocação não foi surpresa, pois já havia rumores sobre esse decreto, se Margot não se apresentasse para o registro, toda sua família seria presa. Para não assustar as filhas Edith disse que a carta era para Otto, que ele havia sido intimado, só depois de algum tempo elas ficaram sabendo que era para Margot.

Otto Frank já havia planejando há alguns meses a mudança da família para um anexo no segundo andar da empresa. Ele seria ajudado por quatro funcionários da empresa: Miep Gies, Johanne Kleiman, Victor Kugler e Bep Voskuijl, o marido de Miep Jan Gies também ajudar. Otto pergunta a todos se estão preparados para ajudar a si e sua família. Pela lei nazista, todos que ajudassem os judeus seriam severamente punidos, arriscariam ser deportados ou mesmo fuzilados. Ele havia levado alguns móveis e, devido ao aviso prévio, foram à casa de Otto e levaram o máximo de coisas necessárias para o esconderijo.

Na noite anterior na partida, todos ficaram muito apreensivos, com medo de que fossem descobertos antes de partir, Anne sentia que sua vida tranquila e despreocupada tinha acabado a partir daquele momento.

Na manhã seguinte, bem cedo, Margot saiu de casa acompanhada por Miep, as duas se dirigiram para o esconderijo de bicicleta. Mais tarde, Otto, Edith e Anne partem também, Anne veste várias roupas, uma por cima da outra pois não podiam carregar uma mala grande, ficaria muito suspeito, só levaram cada um uma maleta pequena com diversas coisas de uso pessoal. Anne leva consigo o seu diário. Caminharam debaixo de chuva em direção ao esconderijo.

Em 13 de julho a família Van Pel: Hermann, Augustee Peter de 16 anos, se juntaram aos Frank em seguida em novembro Fritz Pfeffer. O esconderijo é relativamente espaçoso. Há espaço suficiente para duas famílias. Esta situação não era muito comum, já que normalmente pais e filhos se separam em esconderijos diferentes. Grande parte dos esconderijos eram pequenos espaços em caves úmidas ou em sótãos poeirentos. As pessoas que se escondiam em zonas rurais, por vezes, podiam sair para o exterior, mas somente se não houvesse perigo de serem descobertas.

Os escondidos não podem sair à rua, pois seria perigoso. As cortinas das janelas do esconderijo não podiam ser abertas durante o dia, caso contrário, os vizinhos podiam descobri-lo. A rotina diária de todos no esconderijo era assim: por volta das 12h30min os trabalhadores do armazém vão para casa e as pessoas que se encontram escondidas podem ter um momento para respirar com algum alívio. O almoço era preparado às 13h e todos ouviam as notícias da BBC de Londres. Pelas 13h15min o almoço estava pronto. Muitas vezes Bep

Voskuijl come com eles, Jan Gies está lá grande parte do tempo e, ou Victor Kugler ou Johannes Kleiman também sobem até lá. De vez em quando, Miep Gies também aparece para almoçar. Todos voltam ao trabalho às 13h45min. Lava-se a louça e em seguida é o momento da sesta. Anne raramente dorme, em vez disso utiliza esse tempo para escrever no seu Diário.

Às 17h30min, Bep concede a "liberdade noturna"³ aos escondidos. Todos os outros empregados da empresa já foram então para casa. Bep pergunta se necessitam mais algum mantimento e, em seguida, vai para casa por volta das 17h45min. Os escondidos espalham-se pelo escritório para ouvir as notícias sobre o desenrolar dos avanços dos nazistas, ouviam com atenção e ficavam opinando sobre a atual situação até a hora do jantar. Todos eram de opinião que logo essa guerra acabaria, mas não foi o que aconteceu. O jantar é servido dependendo do horário das notícias na rádio. Depois das 22h tudo estava tranqüilo no esconderijo, mas todos sentiam alguma dificuldade em adormecer. Especialmente quando eram disparados tiros sobre os aviões dos Aliados.

Animados e confiantes de que a guerra logo acabaria, todos tentavam levar uma vida de maneira que quando saíssem pudessem dar continuidade aos seus projetos. Margot e Anne continuavam o estudo por correspondência, Miep toda semana trazia livros para elas. Mas as coisas não estavam nada bem do lado de fora, os judeus que não se entregassem voluntariamente eram apanhados e enviados para os campos de concentração que já se espalhavam por várias partes da Alemanha.

Os campos de concentração foram criados como solução final para os indesejados. Em 1933 surgiu Buchenwald, no ano seguinte o campo de Dachau e no início da guerra já existiam seis campos no território do Reich com vinte mil prisioneiros judeus. De 1939 a 1942 criaram-se mais nove campos entre os quais Auschwitz. A partir de 1942 foram aumentando a quantidade de campos de concentração. Para facilitar a execução (genocídio ou destruição em massa de judeus), os nazistas construíram campos de extermínio na Polônia, o país europeu que possuía a maior população judaica em seu território. O objetivo dos campos de extermínio era o de tornar o assassinato em massa mais rápido e eficiente.

Centenas de cidadãos tornaram-se vítimas da violência descontrolada de nazistas fanáticos, muitas vezes porque tentavam impedir a despropositada destruição de

³ Otto deixava que os escondidos no anexo secreto frequentassem a empresa que durante a noite não tinha ninguém.

suas cidades [...] prisioneiros e trabalhadores estrangeiros estavam mais sujeitos do que nunca à violência selvagem e desenfreada (KERSHAW, 2011, p. 453).

O Reich, já ciente de que o inimigo já estava às portas e que a Alemanha perdia a guerra, começaram a acelerar o plano de execução com as marchas forçadas e sem motivo de milhares de prisioneiros para o campo de concentração. Estavam cada vez mais apreensivos, destruindo cidades e vilas.

No esconderijo todos viviam o clima de tensão, ouviam as notícias no rádio sobre os bombardeios, a falta de comida, remédios e cada vez ficavam mais descrentes sobre a vitória, pois os relatos dos campos de concentração os aterrorizavam, ao menor barulho já ficavam assustados.

Mas no dia 21 de julho ouviram pelo rádio que tentaram assassinar Hitler, começaram a ficar otimistas, não eram os comunistas judeus que tentaram matá-lo, mas um general alemão. Escapou com algumas queimaduras e arranhões o que era lastimável.

Mas no dia 4 de agosto de 1944, o que tanto temiam aconteceu, devido a uma pista anônima recebida pelo telefone na sede da Sicherheitsdienst (SD ou Polícia de Segurança). O agente da SD de serviço, Julius Deetman, atende a chamada e ordena ao agente SS-Oberscharführer Karl Silberbauer que se dirija em serviço para Prinsengracht. Ele é ajudado por policiais holandeses.

O policial Silberbauer e alguns dos seus homens entraram no armazém do piso térreo do edifício. Aproximam-se do trabalhador do armazém Van Maaren. Ele aponta em direção as escadas que davam acesso ao esconderijo. Victor Kugler foi quem os conduziu ao esconderijo. Os escondidos foram traídos.

Os escondidos foram apanhados de surpresa, após se esconderem por mais de dois anos, tudo o que temiam durante esse tempo agora estava acontecendo, eram obrigados a entregar todos os objetos de valor. A pasta que continha os diários de Anne Frank foi esvaziada, as folhas jogadas ao chão pelo policial para colocar os objetos que recolheram.

Depois da captura, os escondidos foram levados num caminhão fechado. Os ajudantes, Victor Kugler e Johannes Kleiman, também foram detidos. Os escondidos e os ajudantes foram presos e interrogados numa prisão em Amsterdã. Os oito escondidos foram levados para a prisão em Euterpestaat junto com outras pessoas que também haviam sido presas. Foram interrogados para saber se havia mais pessoas escondidas, mas Otto disse que havia perdido o contato com todos, pois estavam escondidos a mais de dois anos, por isso não sabia

de nada, perdera o contato com amigos e familiares. Após o interrogatório, foram levados para um centro de detenção em Weteringschans, campo de triagem dos judeus no norte da Holanda. No dia 3 de setembro de 1944 foram deportados e chegaram a Auschwitz. Passaram quase mais de dois anos em um esconderijo sem poder falar com ninguém ou sair às ruas e por tão pouco tempo não sobreviveram ao extermínio.

Auguste van Pels, foi transportada de Auschwitz para Bergen-Belsen, e daí para Buchenwald, depois para Theresienstadt, em 9 de abril de 1945. É certo que não sobreviveu, mas não se sabe exato a data de sua morte. Herman van Pels, segundo testemunho de Otto Frank morreu na câmara de gás em Auschwitz, pouco tempo depois em outubro, as câmaras de gás foram desativadas. Peter van Pels foi obrigado a participar da marcha da morte, em 16 de janeiro de 1945, de Auschwitz até Mauthausen (Áustria), onde morreu em 5 de maio de 1945, três dias antes do campo ser libertado. Fritz Pfeffer morreu em 20 de dezembro de 1944 no campo de concentração de Neuengamme. Edith Frank morreu em Auschwitz-Birkenau em 6 de janeiro de 1945, de fome e exaustão.

Margot e Anne Frank foram transportadas de Auschwitz no fim de outubro e levadas para Bergen-Belsen, campo de concentração perto de Hannover (Alemanha). Houve uma epidemia de tifo no inverno de 1944-1945, devido as más condições de higiene, que matou milhares de prisioneiros, incluindo Margot e uns dias depois Anne, que deve ter morrido no fim de fevereiro ou início de março. Não se tem dados concretos da data de sua morte. Os corpos das irmãs provavelmente foram enterrados em valas comuns de Bergen-Belsen. O campo foi libertado em 12 de abril de 1945, mais ou menos uns 45 dias depois da morte de Anne. Acredita-se que as irmãs permaneceram juntas, foram as únicas do esconderijo que não foram separadas.

Discutindo a questão da perseguição aos judeus, Cytrynowicz, (1990, p. 13) afirma que esse ato é uma “conotação de sacrifício, de imolação de chamas, como se os judeus tivessem se sacrificado em nome de alguma coisa e que deveriam pagar”. Esses extermínios praticados pelos nazistas eram como genocídios, pois eram levados a campos de concentrações/extermínios para trabalhos forçados e castigados sem saberem o porquê de tanta perseguição contra o povo judeu. Os nazistas, de acordo com Cytrynowicz:

Hoje colocam vários artigos afirmando que a obra do “Diário de Anne Frank” é simplesmente uma fraude, logicamente que eles iriam negar tanta crueldade, mas cada detalhe do livro nos faz viajar naquele tempo, sentindo na pele tanta maldade,

foram excluídos das sociedades, obrigados muitas vezes a viver em guetos, sofrer humilhações, torturas, deportações, servir de mão- de -obra escrava e quando não utilizados para essa função eram mortos (CYTRYNOWICZ, 1990, p 13).

Otto Frank foi o único a sobreviver aos campos de concentração. Depois de Auschwitz ser libertado por tropas russas, ele foi repatriado em Amsterdã, passando ainda por Odessa e Marselha. Chegou a Amsterdã em 3 de julho de 1945 e lá permaneceu até 1953 quando se mudou para Basileia (Suíça), onde morava sua irmã, onde casou-se com uma sobrevivente que havia perdido o marido e o filho nos campos de concentração. Até sua morte, em 19 de agosto de 1980.

O Diário que foi resgatado por Miep e Bep, que, após os escondidos serem presos, subiram ao esconderijo e recolheram o diário de Anne no chão. Esse diário permaneceu com Miep até Otto Frank voltar a Amsterdã. No início, não queria publicar o diário, mas depois disse que refletiu sobre o assunto e que essa seria a vontade de sua filha.

Otto Frank continuou a morar em Birsfelden perto da Basileia, onde se dedicou a divulgar a mensagem do diário de sua filha às pessoas do mundo inteiro.

1.2 Escrita e divulgação do Diário de Anne Frank

O Diário de Anne Frank é uma obra pessoal escrita durante a segunda Guerra Mundial, passado em Amsterdã, tendo início a 12 de junho de 1942, e a última entrada data de 1 de agosto de 1944, três dias antes de Anne e todos que estavam no esconderijo fossem descobertos e presos.

“Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda. (O DIÁRIO DE ANNE FRANK, 2014, p.19.)”

Anne ganhou o Diário, um caderno com capa de tecido xadrez vermelho e verde, quando completou 13 anos de idade. Antes de recebê-lo, já escrevia muito em folhas e cadernos, era muito criativa e gostava de relatar os fatos de seu dia-a-dia como a maioria das meninas de sua idade.

Um mês depois de receber o diário Anne e sua família foram viver no esconderijo, fugindo da perseguição aos judeus, e é esses uns dos temas que Anne relata. Ela também relata as mudanças que ocorreram em seu interior, seus medos, angústias, sonhos que se perderam devido a crueldade ao qual os judeus sofreram.

Durante o tempo em que esteve no esconderijo, Anne escreveu em vários cadernos e folhas soltas. Começou sua escrita como se estivesse conversando com uma amiga, que ela chamava de Kitty. Ela mantém o nome reais de sua família e utiliza outros nomes para os restantes residentes no esconderijo. Durante o período de esconderijo, Anne não escreve apenas no seu diário. Além do diário e as histórias, Anne também escreve as suas "citações favoritas" num outro caderno. Se ela lê uma frase num livro e esta a impressiona, copia-a depois para o seu caderno. Ela discutiu a idéia do seu pai. Às vezes reflete um pouco mais sobre estas "citações favoritas" escrevendo sobre as mesmas no seu diário. Ela escreve também pequenas histórias, relata em seu diário: "Há poucas semanas comecei a escrever uma história, algo que eu inventei desde princípio a fim; desfrutei tanto que os produtos da minha caneta começam a apilhar-se." Ela lê alguns dos seus "Contos" em voz alta para os restantes escondidos.

No início, escrever em seu diário era um passatempo, mas após ouvir no rádio que depois da guerra os diários escritos durante esse período seriam publicados, sentiu-se animada com a possibilidade, Anne passou a escrever com mais afinco, pois queria que fossem publicados. Anne começou então a revisar o que já tinha escrito, por isso, nos cadernos encontrados, há várias correções, em alguns trechos acrescentou mais frases a fatos escritos.

A versão revisada por Anne, já considerando a possibilidade de publicação, é conhecida como a versão B. Ao mesmo tempo em que reescrevia e passava a limpo. Para Anne, era muito importante poder escrever os seus sentimentos e pensamentos, caso contrário, se sentiria mais sufocada do que já se encontrava vivendo naquele esconderijo.

De acordo com Moroni (2005, p.7) “a possibilidade para um diário despertar interesse histórico é ele relatar um evento definido que não pode ser ignorado pela sociedade, em situações que ocupam período relativamente curto de tempo e que, por serem extremas, poucos vivenciaram”.

Aqui se insere O diário de Anne Frank, que vivenciou esse período e registrou, ou seja, o Diário de Anne Frank ficou famoso pelo fato de sua história ter abordado um período muito conturbado que foi a Segunda Guerra Mundial. Esta envolveu vários países e a perseguição aos judeus, que foi umas das maiores atrocidades já registradas. Tem também o fator de quem estava escrevendo o diário, no caso Anne, também estar vivendo naquele período conturbado e sofrendo como milhares de judeus. Comoveu o fato de uma menina de apenas 13 anos conseguir relatar em seu diário de forma tão madura suas experiências de como viveu em um esconderijo por mais de dois anos, não havia completado sua revisão no diário quando foram delatados para a polícia alemã, transportadas para um campo de concentração e morrer com apenas quinze anos.

Vários estudos apontam no sentido de que a escrita, em grande parte dos casos, potencia um efeito positivo no estado psicológico do sujeito. As emoções positivas e agradáveis tendem-se a intensificar-se e as negativas dissiparem-se (KOHANYI *apud* KAUFMAM & KAUFMAM, 2009).

Anne sentia-se mais otimista e alegre enquanto escrevia sobre o que estava acontecendo fora e dentro do esconderijo. Essa foi a maneira que encontrou para viver aqueles tempos difíceis.

Após a libertação dos prisioneiros no campo de concentração, Otto Frank, único sobrevivente do esconderijo, voltou a Amsterdã e recebeu de Miep o diário, cadernos e folhas que havia recolhido no esconderijo quando eles foram pegos.

O livro do diário foi publicado pela primeira vez em 1947. Desde sua publicação, foi muito contestado sobre sua veracidade, questiona-se que alguns trechos foram cortados.

Quando se publicou o livro em 1947, não se costumava tratar com tanta liberdade temas sexuais na literatura, menos ainda nos livros para jovens. Outro motivo importante pelo qual não se incluíram determinados parágrafos ou certas formulações é que Otto Frank queria respeitar a memória de sua mulher e dos outros integrantes escondidos no Anexo Secreto – Frank (FRANK, 2001, p. 6).

Devido a esse fato, por se tratar de uma época em que não se falava abertamente sobre a questão sexual, as partes em que Anne relatava sobre suas mudanças no corpo, o fato de estar interessada em Peter van Pels e sentir desejos por ele, foram todas cortadas da publicação. Naquela época, a sexualidade não era um assunto que poderia ser abordado com naturalidade em um livro dirigido para jovens.

A escrita de si de Anne Frank, nos remete a afirmação de Silva (2010) em que podemos comparar com a Escrita Intimista como uma tentativa de interpretação do eu através da linguagem. O eu que existe no ato de escrever possui, na linguagem, um espaço seguro para o processo de autoconhecimento. A observação diária culmina na produção artística que requer uma espécie de isolamento social, de abandono em meio à multidão.

Em complemento, Cunha (2001, p.253) ressalta que “a escrita de si, constitui um ramo de pesquisa sobre registros íntimos que engloba todo tipo de suporte caracterizado como tal, como diários íntimos, cartas, bilhetes, arquivos pessoais ou de famílias e demais formas de registros individuais. Assim, constata-se que Anne em seu diário escreveu relatos de sua intimidade e da relação com sua família. Relatou todo o seu dia-a-dia, das pessoas que moravam com ela. Escrita de si abriga relatos do que esta vivendo, reconstruindo momentos, lugar de interpretações, de memória da construção de identidades.

CAPÍTULO II – O DIÁRIO NO CINEMA

Este capítulo tem como objetivo apresentar a obra o Diário de Anne Frank em filme, dirigida pelo diretor George Stevens, que teve que se atentar para cada detalhe, sem se afastar da ideologia da obra escrita.



Figura 3. Filme “O Diário de Anne Frank”

Fonte: GIES & GOLD (1987)

2.1 O filme: *O Diário de Anne Frank* (1959)

Para recriar a obra *O Diário de Anne Frank* em filme, o autor e diretor George Stevens teve que se atentar para a época em que a obra foi escrita. Analisando cada detalhe da escrita, vivenciamos as emoções da autora da obra e adaptando cada linha escrita ao presente sem se afastar da ideologia da obra escrita.

As lembranças de uma menina escritas em um diário passaram a ser um documento histórico e de um jeito simples delatou as várias perseguições sofridas que os judeus passaram até o momento de execução no campo de concentração. Lembranças essas que se transformaram em um filme que mobilizou atores que demonstraram o sofrimento da adolescente e de sua família.

Assim, ao utilizar um filme para mostrar uma história é fundamental que as cenas pareçam reais e que tragam emoção aos expectadores, uma vez que o livro não despertou esse sentimento. Dessa forma, observa-se que o filme *O diário de Anne Frank* destaca a reflexão história de séculos passados, servindo como base para uma pesquisa de métodos de análise de filmes que configure uma nova visão dos acontecimentos da época. Porém, Garçon (1992) destaca que:

Não seria suficiente empreender a análise de filmes, de trechos de filmes, de planos, de temas, levando em conta, segundo a necessidade o saber e a abordagem das diferentes ciências humanas. É preciso aplicar esses métodos a cada um dos substratos do filme (imagens, imagens sonorizadas, não sonorizadas), às relações entre os componentes desses substratos; analisar o filme tanto a narrativa quanto aos cenários, a escritura, as relações do filme com aquilo que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime de governo. Só assim se pode chegar à compreensão não apenas da obra, mas também da realidade que ela apresenta. (GARÇON, 1992. P.87)

O historiador francês Marc Ferro pôs em evidência de que forma o cinema pode ser visto como fonte, ou seja, como fator de documentação histórica: “a transição da história para a linguagem cinematográfica, deve-se respeitar a historicidade, e permanecer sobre as posições que a compreensão histórica adotou previamente” (GARÇON, 1992, p.64). Essa afirmação revela que o cinema só consegue retratar a historicidade, quando deixa de lado os documentos fílmicos e não se apropriem de montagem.

Portanto, ao analisar um filme a partir de uma obra literária faz-se necessário observar a ideologia que está presente na obra escrita e cinematográfica, pois a ideologia inclui valores e ideais conforme afirma Johnson (1982):

[...] num sentido amplo de um conjunto de valores de um dado grupo de pessoas num dado ponto da história. Inclui idéias religiosas, políticas e morais, visão do mundo, atitudes maneiras de pensar e de colocar problemas. (JOHNSON, 1982, p. 35 – 36)

Diversas críticas são expressas no que se refere sobre adaptação cinematográfica de uma obra literária. No livro, o Diário de Anne Frank, e na adaptação para o filme, percebe-se que tentaram representar uma obra em outro meio (filme). Este é um trabalho complicado, pois há sempre algumas modificações. Tentar manter o “espírito” do livro no filme é algo considerado subjetivo e abstrato:

Nem mesmo o autor do texto-fonte pode garantir uma leitura verdadeira de sua própria obra. Não há como impedir que aquilo que ele tenha produzido seja de alguma forma, “apropriado” pelos leitores, já que essa apropriação é um gesto constitutivo da interpretação. (AMORIM, 2005. p. 35)

Dessa forma, é possível realizar uma leitura estimativa entre uma obra literária e uma obra cinematográfica, uma vez que ambas recriam um mundo ficcional e deixam ao leitor ou espectador a o papel de também construir parte desse mundo. Isto porque, tanto a literatura quanto o cinema deixam espaço para o leitor e para o espectador, respectivamente, construir e descobrir parte do mundo ficcional narrado.

Em uma obra literária muitas vezes o cineasta tem que fazer algumas mudanças, até como forma de expressão como aconteceu em O Diário de Anne Frank, mas, mesmo assim o diretor George Stevens conseguiu manter o espírito da obra literária. Porém, há sempre uma parte de expectadores que lêem uma obra e manifestam certa confusão ao ver o filme, visto que literatura é a sucessão de fatos e subjetivação da realidade; já o cinema é espacial e temporal, a representação e a objetivação da realidade. Nesse sentido, filme e livro são obras de arte diferentes, o cinema é uma arte que se aproxima da literatura através da narratividade.

Ao mesmo tempo em que aproximam o leitor ou espectador da vida criada pela arte, cinema e literatura não a narram explicitamente, mas apenas a sugerem, deixando ao espectador e ao leitor o prazer da descoberta e da construção.

Na realidade um filme pode ter várias leituras, dependendo da sensibilidade do espectador, pois o filme admite metáforas e símbolos e é necessário o espectador entender mais do que apenas o conteúdo aparente da imagem para poder compreender todo o seu significado (MARTIN, 2003), ou seja, o espectador deve ter conhecimento prévio da história do filme para entender o significado de cada imagem.

No entanto, um fato que desperte o interesse histórico pelo diário de Anne Frank, é ele relatar um evento definido que não pode ser ignorado pela sociedade, em situações que ocupam período relativamente curto de tempo e que, por serem extremas, poucos vivenciaram.

O filme dirigido por Stevens se inicia em fevereiro de 1939, com a família Frank vivendo na Holanda, mas já preocupados com o partido de Hitler que estava atacando a Polônia. Otto era o patriarca da família Frank, sempre otimista como dizia seus amigos, ele imaginava que logo a Alemanha acabaria com os ataques e não chegariam à Holanda. Em julho de 1939, Otto continua afirmando que a Holanda continuaria neutra aconteça o que acontecer.

Em junho de 1939, mês do aniversário de 13 anos de Anne Frank, um amigo da família chega fantasiado de Hitler e todos brincam com a situação e dizem que os ingleses iam tomar conta de Hitler. No cinema, já começavam as propagandas antes dos filmes, passavam imagens sobre os acontecimentos das invasões e Hitler discursando e encorajando os alemães a continuarem.

Em Maio de 1940, estão todos preocupados, pois a possibilidade de tomarem a Holanda torna-se cada vez mais real. Em Janeiro de 1941 havia divisões de lugares onde judeus poderiam frequentar. A família de Otto passava por um cadastramento onde eram registrados como judeus. Nesse período, para evitar perseguições, Otto passa sua fábrica para amigos, porque uma empresa de judeu sofreria ataques. Mesmo assim, Otto continua tomando as decisões. Em 1941, Anne e sua irmã Margot já tinham mudado de escola, a anterior não aceitava judeus. Elas caminhavam uma longa distância, porque não podiam andar de bicicleta, também eram obrigados a andar com a estrela de Davi.

No dia do seu décimo quinto aniversário, em 1942, Anne recebe um caderno que havia escolhido dias antes numa mostra de uma livraria com o pai Otto. Este caderno com

capa xadrez veio a tornar-se o seu diário pessoal e foi o primeiro de muitos que Anne escreveu e no qual se baseou a sua obra póstuma e mundialmente conhecida como *O Diário de Anne Frank* (LEE, 1999).

Otto começa a pensar na possibilidade de organizar o segundo andar da empresa para se esconderem, já que as tropas alemãs já haviam invadido a Holanda e as restrições contra os judeus tinha dado início em 1940. Porém, somente uma notificação dirigida a Margot, que antecipou o que o casal Frank já havia planejado para dia 16 de julho. Essa notificação foi recebida na casa dos Frank em 5 de julho de 1942, para que Margot se apresentasse nos Escritórios Centrais, e posteriormente seria enviada para um campo de trabalho em Westerbork.

O local em que a família Frank foi se esconder era um Anexo Secreto que se localizava no edifício onde Otto trabalhava, nº263 Prinsengracht. No Anexo Secreto, viveram durante dois anos e um mês, a família Frank, juntamente com a família Van Pels e Fritz Pfeffer, totalizando oito pessoas. Nos primeiros dias, viviam muito bem, em harmonia, mas, passados meses juntos, dividindo o mesmo espaço, entraram em conflito quase que todos os dias, pelo fato de uns não concordarem com a opinião e os costumes dos outros. Esses costumes eram relacionados ao horário que cada família tinha para realizar algumas tarefas como almoçar, jantar e dormir.

Foram passando os dias e alguns vizinhos desconfiavam que houvesse alguém escondido no escritório, até que no dia 4 de agosto de 1944, por motivo de denúncia anônima, um grupo de homens com uniformes dos Serviços de Segurança Alemã Sicherheitsdienst (SD) invadiram o escritório e encontraram as famílias de judeus escondidos no Anexo Secreto.

Ao serem encontrados, os soldados ordenaram que todos arrumassem suas malas para deportação. Nesse momento, os soldados pegam todo o dinheiro e objetos de valor das famílias, colocando-os em uma mala que Anne Frank guardava seu diário pessoal e todas as suas anotações. Os objetos foram jogados ao chão pelo soldado para desocupar a mala. Todas as anotações e o diário pessoal de Anne ficaram caídos no chão, sendo recolhidos por Miep, após as famílias serem levadas embora do Anexo Secreto.

Além das famílias de judeus, dois trabalhadores do escritório e ajudantes da família Frank foram levados numa carrinha (Caminhonete pequena, fechada ou aberta, usada no transporte de passageiros e mercadorias) para a sede da Gestapo, onde foram interrogados. No dia seguinte, todos foram transferidos para uma Casa de Detenção superlotada, Huis

van Bewaring, em Weteringschans, em que todos tinham que trabalhar e obedecer a ordens dos soldados.

No dia 7 de agosto de 1944, foram levados para Westerbork, um campo de transição e a 3 de setembro, o grupo é deportado para o que seria o último transporte de Westerbork para o campo de concentração de Auschwitz, uma viagem num ambiente desumano e sobrelotado que durou três dias. Os dois ajudantes são enviados para o campo de Amersfoort. Johannes Kleiman é libertado pouco depois da detenção e, seis meses mais tarde, Victor Kugler consegue escapar.

A família van Pels teve o seguinte destino: Herman van Pels, morreu na câmara de gás de Auschwitz, em outubro de 1944, pouco depois essas câmaras foram desativadas. Auguste van Pels foi deportada de Auschwitz para Bergen-Belsen, e daí para Buchenwald, depois para Theresienstadt, em 9 de abril de 1945, para outro campo de concentração, mas não sobreviveu, porém, a data de sua morte não foi revelada. Peter van Pels foi obrigado a participar da marcha da morte, em 16 de janeiro de 1945, de Auschwitz até Mauthausen (Áustria), onde morreu em 5 de maio de 1945, três dias antes de o campo ser libertado.

Quanto à família Frank tiveram um triste fim também, com exceção de Otto Frank que foi o único sobrevivente aos campos de concentração. Edith Frank morreu em Auschwitz-Birkenau em 6 de janeiro de 1945, de fome e exaustão. Margot e Anne Frank foram deportadas de Auschwitz no fim de outubro e levadas para Bergen-Belsen, campo de concentração perto de Hannover (Alemanha). A epidemia de tifo que irrompeu no inverno de 1944-1945, em consequência das péssimas condições de higiene, matou milhares de prisioneiros, incluindo Margot e, uns dias depois, Anne. Os corpos das duas irmãs foram enterrados nas valas comuns de Bergen-Belsen. Otto Frank, o único sobrevivente, depois de Auschwitz foi libertado por tropas russas, e foi repatriado em Amsterdã, passando ainda por Odessa e Marselha. Chegou a Amsterdã em 3 de junho de 1945 e lá ficou até 1953, quando mudou-se para a Basileia (Suíça), onde morava a família de sua irmã e, mais tarde, seu irmão. Casou-se com Elfriede Markovits Geiringer, nascida em Viena, que sobrevivera a Auschwitz e perdera o marido e o filho em Mauthausen. Até sua morte, em 19 de agosto de 1980, Otto Frank continuou a morar em Birsfelden, perto da Basileia, onde se dedicou a divulgar a mensagem do diário de sua filha às pessoas no mundo inteiro.

2.2 Algumas comparações entre o livro e o filme *O Diário de Anne Frank*

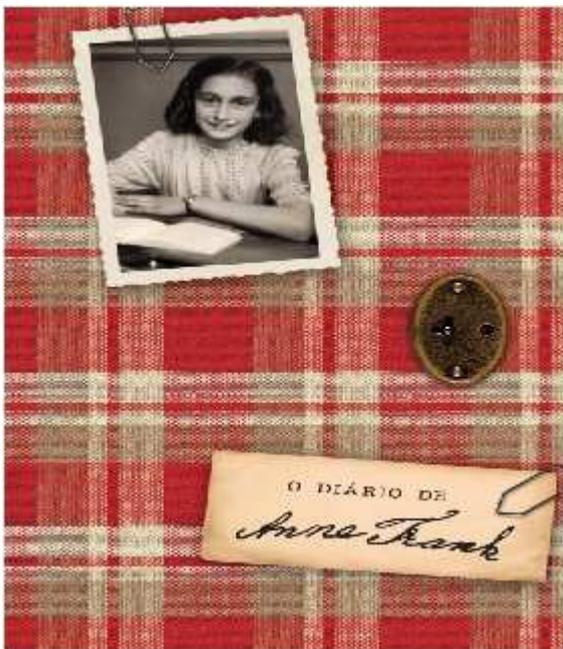


Figura 4. Livro “O Diário de Anne Frank”

Fonte: FRANK, Anne (2014)

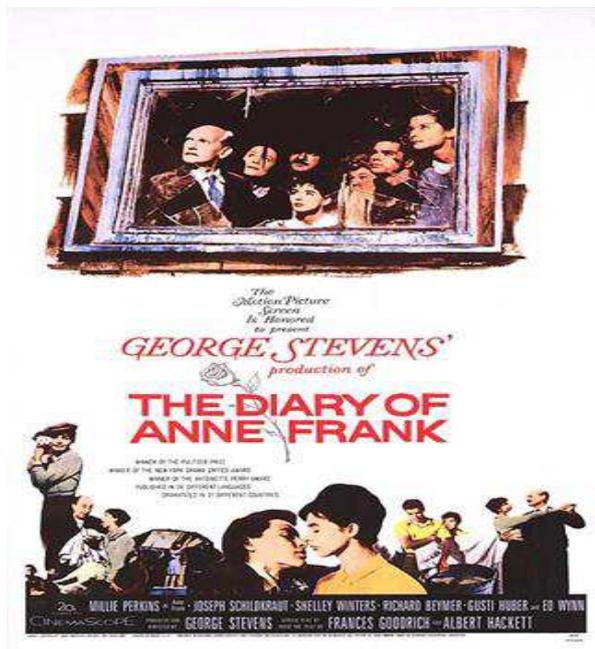


Figura 5: Filme “O Diário de Anne Frank”

Fonte: GIES & GOLD (1987)

Na obra literária, *O Diário de Anne Frank* (1947) os acontecimentos são relatados de acordo com a escrita da adolescente com linguagem simples e sentimental. Já o filme (1959) de início tem uma diferença, pois o produtor muda um pouco a história resumindo o contexto da ida da família de Anne Frank para o esconderijo.

Visando compreender a linguagem do livro e a do filme, constata-se que a linguagem simples pode ter ocorrido em virtude da realidade que a adolescente estava vivendo, no final da Segunda Guerra Mundial (1942-1945) impresso em 1947 e o filme 12 anos depois da obra literária ser impressa. Nesse sentido, recorre-se a leitura que Carvalhal (2002) faz sobre o filme nos lembrando que:

O filme dá concretude e visibilidade aquilo que potencialmente já existia no texto literário, baseando sua composição em procedimentos interpretativos. Por isso, os estudiosos se interrogam sobre essa relação sem contrapor filme e texto literário, mas, em seu lugar, contrastam duas interpretações de uma mesma obra artística. (CARVALHAL, 2002, p.23).

Nesse sentido, é possível afirmar que ao retornar o texto literário e recriá-lo em cenas de filme, conclui-se que o filme estará repassando através das cenas a veracidade da obra literária. Não pretende aqui superestimar a literatura e subestimar o cinema, pois, de acordo com Carvalho (2002) trata-se de linguagens diferentes, mas “ressaltar o poder que a literatura tem de desenvolver a criatividade e a imaginação do leitor, se assim não o fosse, a literatura não teria sido, desde sempre a principal fonte de inspiração para os produtores fílmicos”. (CARVALHAL, 2002, p.34).

O filme *O Diário de Anne Frank* inspirado na vida da família de Anne Frank e de um grupo de pessoas que se escondiam num anexo secreto para fugir ao regime nazista, por eles serem judeus. Em 15 de setembro de 1935, a Lei dos Cidadãos do Reich declarou os judeus alemães como estrangeiros no seu próprio país como uma agressividade nazista. Essa medida foi usada para discriminar os judeus, para persegui-los e para os castigarem legal e oficialmente segunda lei (SHIRER, 1975).

Assim, o filme é baseado no livro o diário da adolescente Anne Frank, que relata a sua vida e traz relatos dos anos vividos no anexo secreto. O filme mostra claramente a forma que os judeus eram tratados, através de cenas chocantes, como se eles não fossem seres humanos. Em meio a tudo isso, Anne Frank falava tudo o que pensava, sem medo; era engraçada e inteligente, apesar do sofrimento que vivia no anexo e a forma como escrevia no diário (Kitty). Apesar de raras as situações, Anne em seu diário interroga-se do porquê de ser obrigada a fugir de algo que não tem culpa: “Por que essa guerra? Oh, porque é que as pessoas não conseguem viver juntas em paz? Por que toda esta destruição?” (FRANK, 2011, p.368).

A partir do filme, foi possível conhecer melhor como era a vida antigamente, como aconteceu a 2ª Guerra Mundial e conhecer a religião judaica, fatos que Anne também relata no livro, mas que não trazem um entendimento real das situações vividas, pelo fato de não ter ações visíveis, como mostra o filme. Apesar de ver cenas de uma família unida, como a de Anne Frank, a forma com que viviam no Anexo Secreto junto com a família van Pels e o Sr. Dussel era semelhante a uma espécie de prisão, em que não podiam fazer barulho, condicionavam-se a comida e, algumas vezes, adormeciam-se com os bombardeios. Através de sua escrita, Anne comunica-nos o seu sofrimento. Este era decorrente da impossibilidade de viver plenamente como qualquer pessoa normalmente o faria, ou melhor, como uma adolescente: “Estamos presos nesta casa como se fossemos leprosos” (FRANK, 2011, p.210). “A nossa liberdade foi severamente restringida por uma série de decretos anti-judeus”

(FRANK, 2011, p.23). Assim, podemos dizer que o filme é caracterizado como guerra e sofrimento.

O livro relata mais o dia a dia de Anne Frank e sua família, fora e dentro do Anexo Secreto, mas o filme retrata muito mais que isso, ou seja, mostra a vida de Anne no campo de concentração e seu sofrimento. Os judeus eram vistos e tratados não como seres humanos, mas como meros objetos, algo a abater e exterminar por completo. Despojados de qualquer bem, afastados da dignidade e privados da liberdade de viver (BRAHAM, 1988).

Porém, no livro, Anne tenta, por vezes, contrariar o desespero de estar fechada e em perigo num esconderijo, pensando no que há de positivo na situação: “Quando penso nas nossas vidas aqui, chego à conclusão de que vivemos num paraíso, em comparação com os judeus que não estão escondidos” (FRANK, 2011, p.142). Isso cria um sentimento de ambivalência em Anne, por um lado está viva, num esconderijo e não num campo de concentração, mas por outro lado, está fechada para o mundo, incapaz de viver a sua vida e estando cada vez mais desesperada e impaciente: “No topo do mundo, nas profundezas do desespero” (FRANK, 2011, p.210). Esse alívio, misturado com a angústia sentida por Anne também é visível no filme, quando Anne faz planos para quando sair do Anexo Secreto, quando ao mesmo tempo diz que o fim da guerra parece ser tão distante e tão irreal.

Tanto o livro como o filme mostram claramente os conflitos vivenciados pelas famílias Frank, van Pels e o Sr. Dussel, conflitos esses que às vezes eram causados por motivos fúteis, como expressa o relato de Anne Frank; “A Sra. van Pels tirou todos os lençóis, menos três, de nosso armário comunitário de roupa de cama” (FRANK, 2014, p.56); “A Sra. van Pels ficou chateada porque estamos usando a sua louça e não a nossa. Ela ainda está tentando descobrir o que fizemos com nossos pratos; estão muito mais perto do que ela pensa, já que foram guardados no sótão, em caixas de papelão.” (FRANK, 2014, p. 56-57).

Segundo Gies & Gold (1987) nessas situações de desentendimentos, Otto era o que conseguia equilibrar as situações, pelo fato de ser o líder do grupo e aquele que tomava todas as decisões no anexo secreto.

Os conflitos na família van Pels também existia, principalmente a Sra. Van Daan com o Sr. van Pels e o Sr. van Pels com seu filho Peter: “Peter estava lendo um livro proibido e o van Pels descobriu, ele deu uma bronca, pegou de volta o livro” (FRANK, 2014, p.57). Na família Frank também havia conflitos entre Anne e sua mãe. No dia 27 de setembro de 1942, Anne relatou: “hoje, mamãe e eu tivemos uma discussão, digamos assim, mas a parte chata foi que cai no choro. Não consigo evitar. Papai é sempre tão bom comigo e, além disso, me

entende muito melhor. Nessas horas, não suporto a mamãe. É óbvio que sou uma estranha para ela; ele nem sabe o que penso sobre as coisas mais simples.” (FRANK, 2014, p.65). Esses conflitos não param por aqui, no filme e no livro é possível perceber outros conflitos entre os integrantes do Anexo Secreto, em que Anne relata em seu diário: “Morro de vontade de contar outras de nossas brigas, mas antes gostaria de dizer isto – acho estranho os adultos discutirem tão facilmente e com tanta frequência sobre coisas tão mesquinhas.” (FRANK, 2014, p.67-68).

Um fato não mostrado no filme é a doença de Otto Frank, relatada no dia 29 de outubro de 1942 no livro por Anne: “Estou muito preocupada, papai está doente, está coberto de pintas e com febre alta. Parece sarampo. Imagine só, nós nem podemos chamar um médico! Mamãe está fazendo transpirar, na esperança de que a febre saia com suor.” (FRANK, 2014, p.86). O fato de os integrantes do Anexo Secreto contrair doenças era muito preocupante, pelo fato de não poderem chamar nenhum médico, visto que os medicamentos eram trazidos por Miep quando necessários.

A inocência infantil preocupava Anne, pois estava cansada que sua família e amigos a viam como uma criança. Anne queria muito ver as mudanças físicas no seu corpo, como desenvolvimento sexual e alterações no sistema hormonal. *O diário de Anne Frank*, tanto no livro como no filme, mostra-se ilustrativo do desenvolvimento da sexualidade feminina, em que Anne tinha interesse em se tornar uma figura feminina mais velha, a procura de um sentido para o seu espaço interno. No que se refere à identificação com uma figura feminina mais madura no início da adolescência, Anne tinha as suas opções limitadas: a mãe, a Sra. Van Pels, Miep Gies e Bep Voskuijl. Quando Miep e Bep visitavam os ocupantes do Anexo, Anne aproveitava para falar com elas o máximo que conseguia, gostava de saber mais sobre as suas vidas, fazia confissões e admirava-as enquanto mulheres. Fantasiava também o casamento de Miep com Jan como se de estrelas de cinema se tratasse.

Quanto aos sentimentos de Anne, que no início não identificava qualquer interesse no único rapaz no anexo – Peter: “É um rapaz muito tímido e desajeitado cuja companhia não promete muito” – relato do dia 14 de agosto de 1942 (FRANK, 2014, p.49), começou a olhar ele de outra forma. Em 6 de janeiro de 1944, Anne confessa que os seus sentimentos por Peter sofreram mudanças: “O meu desejo de ter alguém com quem falar tornou-se tão insuportável que, por alguma razão, meti na cabeça escolher Peter para esse papel.” (FRANK, 2011, p.221). A partir daí, Anne começou a frequentar o quarto de Peter sob o pretexto de ajudá-lo nas palavras cruzadas. “Tive uma sensação maravilhosa quando olhei para os seus olhos

azuis-escuros e vi como a minha visita inesperada o tinha feito sentir envergonhado. Consegui ler os seus pensamentos mais íntimos, e no seu rosto vi uma expressão de desamparo e incerteza quanto a como reagir, e ao mesmo tempo um tremeluzir de consciência da sua masculinidade. Apercebi-me da sua timidez e derreti-me toda.” (FRANK, 2011, p.221). Esse fato, só pode ser visualizado no livro de Anne Frank, que apresenta detalhadamente esse interesse por Peter. O filme, porém, destaca somente o primeiro beijo de Anne com Peter e a companhia que cada uma fazia ao outro nos últimos dias no anexo.

No filme não era possível relatar os acontecimentos exatamente como estava no livro, pois tem todo o processo de tempo, por isso foram excluídas algumas partes, mesmo assim o diretor conseguiu ser fiel ao livro e chegar mais próximo possível ao que foi escrito por Anne Frank em seu diário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema do presente trabalho se refere ao Diário de Anne Frank que conta a história de uma menina judia e de sua família na época da Segunda Guerra Mundial, confrontando a versão da história narrada no livro e aos fatos exibidos no filme, observando que o filme complementa a história do livro com imagens reais e chocantes.

No que se refere ao livro, a escrita apenas reproduziu o que Anne Frank escreveu em seu diário, o autor Otto H. Frank (seu pai) procurou ser fiel a todos os detalhes, sentimentos, medo que todos passaram conforme foram acontecendo. Mas, Otto deixou de registrar algumas páginas do diário de Anne Frank, por conter anotações sobre a vida íntima de Anne Frank, respeitando a privacidade da filha. O sonho de Anne Frank em se tornar jornalista e escritora ficou somente projetado nas anotações no seu diário, em que tinha esperança de sair do esconderijo e publicar seu diário como um romance.

O livro de Anne Frank traz relatos importantes da história alemã no período da Segunda Guerra Mundial, em que os judeus eram perseguidos pelos nazistas e levados presos ao campo de transição de Westerbork, em que Anne Frank usa esses relatos como plano de fundo para o relato de sua vida, sentimentos, ideais, gostos e rotinas vividos durante o período de dois anos no esconderijo com sua família e a família Van Pels.

No que se refere ao filme, George Stevens proporcionou cenas reais do conturbado período da Segunda Guerra Mundial e a perseguição dos judeus. E pelo fato do filme se produzido através da visão de Otto Frank (pai de Anne Frank) ficou difícil para o diretor produzir um filme que fosse fiel ao livro. Nesse sentido, em comparação do livro com o filme observou – se que há interpretações diferentes em uma mesma história, visto que no livro a escrita apenas reproduziu o que Anne Frank escreveu em seu diário e o filme já abordou toda a guerra e o drama das famílias judias.

Assim, percebe-se que a adaptação fiel do livro para o filme é quase impossível, em que há sempre algumas modificações, pois, a literatura é a sucessão de fatos e subjetivação da realidade e o cinema é espacial e temporal, representação e objetivação da realidade, mostrando que filme e livro dão obras de arte diferentes. Mas constatou-se que o cineasta conseguiu manter o espírito da obra literária no filme.

Conclui-se que é responsabilidade do cineasta buscar ou não a fidelidade na hora de adaptar um filme a um livro, e sempre a expectativa de que o filme siga à risca a estrutura do

livro é superficial, visto que o filme nunca poderá ser o livro, uma vez que os formatos são distintos e exigem ângulos diferentes de análise.

Meu objetivo foi alcançado neste trabalho, a comparação entre cinema e literatura, depois da leitura de diversos pontos de vista, chega-se a conclusão de que por se tratar de artes diferentes sempre sofrera modificações. Fica a cargo do diretor buscar ou não a fidelidade na hora de adaptar um livro. De qualquer forma, não adianta ir ao cinema esperando que o filme siga à risca a estrutura do livro. O filme nunca poderá ser o livro, uma vez que os formatos são distintos e exigem ângulos diferentes de análise.

Meu trabalho é inédito no Campus de Pires do Rio. Por se tratar de temas como Segunda Guerra e Nazismo e ter uma linguagem bem simples, seria uma ferramenta de avaliação informativa na disciplina de História para alunos do Ensino Fundamental II.

LISTA DE FONTE

Filme:

O Diário de Anne Frank

Gênero: Drama

Direção: George Stevens

Elenco: Millie Perkins, Richard Beymer, Shelley Winter

Duração: 170 min.

Ano: 1959

País: Estados Unidos

Cor: Colorido

Livro:

FRANK, Anne. O Diário de Anne Frank. Rio de Janeiro: Record, 1947.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Lauro Maia. Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol, e Kim, de Rudyard Kipling. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

ARAÚJO, Naiara Sales. *Cinema e Literatura: adaptação ou hipertextualização?* Littera OnLine, n.3, 2011.

CYTRYNOWICZ, Roney, Memória da Barbárie. Edusp: Nova Stella, 1990.

CUNHA, Maria Teresa. Diários pessoais: territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O Historiador e suas fontes*. Editora Contexto, 2001.

FERRO, Marc. Cinema e História. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FRANK, Anne. *Diário de Anne Frank – Versão Definitiva*. Lisboa. Livros do Brasil, 2011.

FRANK, Anne. *Diário de Anne Frank*: tradução de Alves Calado, 45 ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GARÇON, F. *Des nocces anciennes*. Cinéma et Histoire. Autour de Marc Ferro. CinémAction, n. 65, p. 9-18, oct./déc. 1992.

GIES, M.; GOLD, A.L. *Anne Frank Remembered: the story of the woman who helped to bidê the Frank family*. Nova Iorque: Simon & Schuster Paperbacks, 1987.

KAUFMAN, S.B.; KAUFMAN, J.C. *The Psychology of Creative Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

JOHNSON, Randal. Literatura e cinema – Macunaíma: do modernismo na literatura ao cinema novo. São Paulo: Ed. T. A. Queiroz, 1982.

LEE, C. *Rosas da Terra: A Biografia de Anne Frank*, Lisboa: Livros do Brasil, 1999.

MORONI, José Antônio. Participamos, e daí? Observatório da Cidadania, Texto para debate, 2005.

MARTIN, Macel. *A linguagem cinematográfica*. Tradução. Paulo Neves. São Paulo: Brasiliense, 2003.

Disponível em: http://www.aracati.org.br/portal/pdfs/13_Biblioteca/Textos%20e%20artigos/participacao_Moroni.pdf.

SHIRER, W. *Grande crônica da Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Seleções do Reader's Digest, vol. 2, 1975.

SILVA, Jaqueline Fernandes da. *A escrita intimista e a poesia de Mário de Sá Carneiro*. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Universidade de São Paulo (USP). 2010.